

## **CRIANÇAS E ADULTOS EM DIFERENTES CONTEXTOS: A INFÂNCIA, A CULTURA CONTEMPORÂNEA E A EDUCAÇÃO.**

**Alunas: Camila Barros e Simone Nascimento**  
**Orientadora: Sonia Kramer**

### **Objetivo:**

O projeto de pesquisa “Crianças e Adultos em diferentes contextos: a infância, a cultura contemporânea e a educação” tem por objetivo compreender as interações entre crianças e adultos nos espaços urbanos e em diferentes contextos do ensino regular, bem como, estudar as mediações entre a infância, a cultura contemporânea e a educação. Este estudo tem sido desenvolvido desde 2005 e seus eixos principais de análise nessas interações são: a identidade, a autoridade e a diversidade.

Ao observarmos esses eixos visamos saber quem são esses adultos e crianças e como eles se reconhecem nesses espaços onde há tanta desigualdade. Queremos também, entender a construção nas interações da percepção do outro, que se constitui socialmente em fonte de discriminação (por exemplo: como se dá a inclusão nos locais observados), e perceber como é a questão da distribuição do poder entre adultos e crianças diante da contemporaneidade.

### **Fundamentação teórica:**

A pesquisa contou com aportes teóricos das áreas de estudos da linguagem e estudos culturais, filosofia, psicologia, antropologia e sociologia da infância, que nos ajudaram a construir concepções de homem, infância e educação. Delineamos um referencial com base na teoria crítica da cultura e da modernidade, em especial em Benjamin (1987a, 1987b), na concepção de linguagem de Bakhtin (1988a, 1988b, 1992) e na idéia de formação social da consciência e sua ligação com a cultura, assim como expresso por Vigotski (1987, 1998, 1999), considerando a produção de leitores e pesquisadores das obras destes autores. Os principais teóricos de nossas discussões e reflexões são, portanto, Lev Vigotski, Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin.

Os estudos da linguagem e estudos culturais ajudaram a entender que o outro ocupa um papel muito importante na construção do nosso conhecimento. Já a antropologia fez perceber os significados que o outro atribui. E a sociologia da infância contribuiu para a metodologia de pesquisa com crianças.

Para Bakhtin a pesquisa em ciências humanas é sempre estudo de textos e objeto da pesquisa, nas ciências humanas, é sempre um sujeito.

Porém, é preciso procurar manter um afastamento, uma distância do campo para que possamos conseguir captar o real da melhor forma possível. Sendo assim, é de extrema importância que texto e contexto estejam sempre em harmonia.

Realizamos, ainda, uma revisão bibliográfica que nos levou à discussão de relatórios de pesquisa, artigos, teses e dissertações ou livros de outros autores que também se dedicam ao estudo da infância, seja através de pesquisas realizadas no Brasil, como em Martins Filho 2006; Freitas, 2006; e Delgado, 2007; seja através de pesquisas realizadas em outros países, como em Sirota, 2001, 2005, 2006; Corsaro, 1985, 2003, 2005; e Sarmiento 2000.

### **Estratégias metodológicas:**

Nossas estratégias metodológicas foram: observação intensiva, fotografias, entrevistas e interações a partir de produções culturais das e para as crianças. Através disso, pretendemos fazer com que a criança seja vista, percebida, observada em nosso campo.

A pesquisa foi realizada em vinte escolas das redes pública, particular e comunitária, sendo cinco creches, sete escolas exclusivas de educação infantil e oito escolas de ensino fundamental com turmas de educação infantil, todas situadas no Município do Rio de Janeiro. Foram realizados, inicialmente, estudos de caso simultâneos nessas instituições, como etapa exploratória, e, em seguida, com maior densidade em seis destas instituições (duas creches, duas escolas de educação infantil e duas escolas de ensino fundamental que têm turmas de educação infantil). A escolha foi pautada pelo critério da positividade do trabalho.

A observação dá suporte na descrição densa para conhecermos as ações, as interações, as práticas e os valores éticos/preconceitos que as permeiam e as orientam; e compreendermos como se lida com identidade, autoridade e diversidade, tendo como foco as ações dos adultos, as relações entre adultos e crianças e as trocas entre as crianças. Há o desafio metodológico de observar crianças nas atividades cotidianas em contextos institucionais, tendo em vista que, muitas vezes, as ações nesses espaços são conduzidas e tuteladas pelos adultos. Assim, buscamos construir um olhar sensível, para ver e ouvir as crianças: entender a linguagem para além do que era dito, compreender os significados do corpo e seus movimentos, as tensões e apreensões, os sentidos do choro, do riso, das disputas, das demonstrações de carinho ou raiva e dos momentos de partilha. O mesmo é válido para as entrevistas, entendidas como um espaço para a escuta do outro.

### **As questões do campo**

Para discutir as questões do campo, construímos textos para cada modalidade de instituição, a fim de, captar as especificidades e identificar os pontos comuns existentes entre creches, escolas exclusivas de educação infantil e turmas de educação infantil em escolas de ensino fundamental. Esse trabalho se baseou nos itens do roteiro de observação, nos dados coletados em entrevistas com professoras das turmas observadas, nos dados sócio-culturais dos alunos destas turmas e no registro das observações de campo.

#### **A. Creches**

O grupo discutiu as relações que acontecem entre adultos e crianças na creche, estudando como essas interações abrem espaço para que as manifestações das crianças sejam vistas.

Nestes espaços, destacou-se a falta: falta de formação inicial dos profissionais, de salários dignos, de condições estruturais de atendimento às crianças pequenas, de um projeto pedagógico, enfim, foi observada a fragilidade no atendimento oferecido em creches públicas e comunitárias em contextos de pobreza.

Neste contexto, a escuta assume um lugar prioritário. Escuta no sentido de dar visibilidade às crianças e às manifestações de suas linguagens. A visibilidade implica uma realidade compartilhada, onde a criança pode se colocar de modo criativo, intervindo e transformando o mundo à sua volta.

A impossibilidade de o professor ver a criança e suas diferentes expressões está implícita uma interdição do próprio professor na sua ação de sonhar, se expressar, criar. Mas, quando os adultos se colocam “de fora” da relação, eles podem ver as crianças como outros, observando os seus sentidos na realidade que compartilham. Assim, as crianças vão se tornando visíveis.

Desta forma, ver o outro implica em que nos vejamos a nós mesmos. O distanciamento permite conhecer e perspectivar o outro, permite que também nos vejamos. Assim, podemos dizer que o desafio do educador e da educação é ampliar esses espaços de visão: do profissional sobre si para, ao mesmo tempo, ver a criança em

sua singularidade. É essencial qualificar a experiência de cada um e de todos. É preciso olhar para além da rotina mecanizada e da atividade dirigida.

### **B. Escolas exclusivas de educação infantil**

Nas escolas exclusivas de educação infantil, observamos como as instituições elaboram as suas culturas infantis, analisando as produções de significações específicas e o que há de exclusivo nas escolas exclusivas, em relação ao espaço e suas apropriações.

Em relação à cultura escolar na pré-escola foram observadas práticas como: organização por filas, separação dos grupos por gênero, tempos de espera das crianças e ainda regras como: levantar a mão para falar, pedir para ir ao banheiro, falar um de cada vez. Estes e outros rituais e normas de comportamento são instituídos de maneira naturalizada revelando uma identidade escolar, com discursos e formas de ação expressos na sua organização e gestão. Aos poucos, a criança se torna aluno, incorporando comportamentos socialmente desejáveis. No entanto, conceber as crianças como atores sociais plenos, significa perceber a possibilidade das crianças de reinterpretar e alterar o instituído através de suas ações e interações. As crianças ressignificam a cultura escolar revelando as culturas infantis.

Percebemos, ainda, a existência de espaços específicos para as crianças pequenas. Todas as escolas apresentam salas-ambientes organizadas para atividades específicas tais como exibição de filmes em vídeo, leitura de histórias, refeitório, banheiros com sanitários e pias na altura das crianças. Os parques são amplos e dispõem de brinquedos variados, algumas chegam a ter mais de um ambiente externo.

As observações evidenciaram que as escolas exclusivas, desde a sua origem, foram pensadas para desenvolver atividades com as crianças na idade pré-escolar, portanto, concepções e práticas construídas ao longo da história se sobrepõem, revelando continuidades e rupturas com antigos modelos. As instituições mais antigas carregam uma tradição impressa nos espaços e materiais, no entanto, a utilização destes espaços muitas vezes não explora a riqueza de sua estrutura e as culturas infantis têm pouca visibilidade no cotidiano escolar.

### **C. Escolas de ensino fundamental com turmas de educação infantil**

Quanto às escolas de ensino fundamental com turmas de educação infantil, discutimos as interações sociais no processo de construção das identidades das crianças e da autoridade no grupo. O eixo desta discussão é a linguagem, que em suas diferentes formas enunciativas é fundamental à construção do conhecimento e da identidade.

Percebemos, no campo, que as formas de comunicação construídas nessas turmas podem ser permeadas por enunciados que demonstram um discurso entoado por afetos e limites, cooperação e individualismo, diálogo e imposição, carinho e rispidez, respeito e deboche. Através da linguagem, as crianças em interação com seus pares exercem negociações para a mudança das regras, modificam as formas de pertencimento ao grupo, exercitam seu potencial de autoridade e liderança na organização de brincadeiras, experimentando jogos de exclusão e inclusão.

Outro ponto importante, presente na pesquisa, são as interações entre as crianças, sem a mediação dos adultos. Essas interações também são determinantes no processo de construção de identidade. Porém, na organização do planejamento das escolas, há poucos espaços de interação sem interferências dos adultos. Em geral, essas interações têm como palco o pátio das escolas, no momento do recreio. Entre elas destacam-se conversas informais, exploração do espaço físico e organização de brincadeiras. A escolha do que fazer, nesse momento, geralmente é livre. É com autonomia, que as crianças, na maior parte das vezes, resolvem os impasses que surgem

na negociação das regras e no uso dos brinquedos. A forma como vivem e solucionam esses impasses diz respeito a processos fundamentais na constituição de suas identidades.

### **Atividades realizadas enquanto bolsistas**

Enquanto bolsistas de iniciação científica participamos das discussões realizadas nas reuniões semanais onde discutimos as questões emergentes dos cadernos de campo, bem como textos ligados ao referencial teórico da pesquisa e resultados de pesquisas na área da educação infantil. Além disso, confeccionamos atas das reuniões e resenhas de artigos extraídos dos periódicos Cadernos de Pesquisa, Educação e Sociedade, Revista Brasileira de Educação, e Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, a serem compartilhadas com o grupo, servindo como fonte de estudo. Selecionamos fotos dos espaços observados para a análise. Estas fotos foram analisadas pelo grupo com o objetivo de refletir sobre as especificidades e os pontos comuns de creches, escolas exclusivas de educação infantil e turmas de educação infantil em escolas de ensino fundamental; contribuímos na elaboração do Relatório Final, que aponta os resultados da pesquisa, enviado ao CNPq. Colaboramos na preparação de textos que sistematizassem as questões emergentes do campo. Os próximos passos serão a preparação de um seminário que objetive a devolução dos dados às pessoas pesquisadas e a organização de evento comemorativo dos 10 anos do grupo Infância, Formação e Cultura.

### **Conclusão:**

Esta pesquisa buscou compreender a infância e a criança no contexto educacional e da cultura contemporânea, tendo sempre como foco as questões de diversidade, autoridade e identidade implicadas nas interações entre crianças e adultos.

Concluimos que em todos os espaços observados, as crianças buscam formas de manifestar as culturas infantis, a despeito das imposições e enquadramentos dos adultos na escola. É nesta lacuna que o pesquisador da infância em instituições escolares deve se colocar para ver e ouvir as crianças.

### **Referências bibliográficas:**

- 1 - BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.; 2003.
- 2 – BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992, 2003.
- 3 - BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1988a.
- 4 – BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, Hucitec, 1988b.
- 5 – BENJANIM, W. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica. Arte e Política*, São Paulo, Brasiliense, 1987a
- 6 – BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*, São Paulo, Brasiliense, 1987b.
- 7 – CORSARO, W. *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação os estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol 26, n 91, p. 443-464, Maio/Ago 2005.
- 8 – CORSARO, W. *Friendship and peer culture in the early years*. Norwood. Ablex, 1985.

- 9 – CORSARO, W. *“We’re friends, right?”: children’s use of access rituals in a nursery school.* Washington D.C., Joseph Henry Press, 2003.
- 10 – DELGADO, A. C. C. Uma etnografia com crianças: grupos geracionais e manifestações culturais das crianças. In: REDIN, Euclides (org.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças.* Porto Alegre: Mediação, 2007.
- 12 – FREITAS, M. C. de (org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude.* São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- 12 – KRAMER, S.; NUNES, M. F. Gestão municipal e formação: a educação infantil no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v.88, n° 218, ano 2007. Rio de Janeiro.
- 13 – MARTINS FILHO, A. J. et al. *Infância Plural: crianças do nosso tempo.* Porto Alegre: Mediação, 2006.
- 14 – SARMENTO, M. J. *Lógicas de acção nas escolas.* Lisboa: Instituto Inovação Educacional, 2000.
- 15 – SIROTA, R. *Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar.* In: *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n.112, p.7-31, mar. 2001.
- 16 – SIROTA, R. *Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber.* Campinas, *Revista Educação e Sociedade*, vol 26, no 91, p 535-562, 2005.
- 17 – SIROTA, R, (org). *Éléments pour une sociologie de l’enfance.* Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2006
- 18 – VIGOTSKI, L.S. *La imaginación y el arte en la infancia (ensayo psicologico).* Mexico, *Hispanicas*, 1987.
- 19 – VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* São Paulo: Martins Fontes, 1998. (tradução Paulo Bezerra).
- 20 – VIGOTSKI, L.S. *Psicologia da arte.* São Paulo, Martins Fontes, 1999 (tradução Paulo Bezerra)